



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 14 N. 01 2018

Literatura

OS CAMINHOS DO ERÓTICO E DO PORNOGRÁFICO EM *POESIA VAGINAL: CEM SONNETOS SACANAS*, DE GLAUCO MATTOSO

Camila Matos

RESUMO: O objetivo deste artigo é mapear as temáticas eróticas e pornográficas na obra *Poesia Vaginal: cem sonnetos sacanas*, de Glauco Mattoso, a partir da análise de quatro poemas e de referências com a leitura da obra. Demonstrar também que Glauco Mattoso traz à tona o erótico e pornográfico de maneira elaborada, requintada, irônica e principalmente: engajada, onde o erótico e o pornográfico se imbricam a tal forma que não é possível separá-los.

PALAVRAS CHAVES: Ironia; crítica social; erotismo e pornografia.

OS CAMINHOS

Ao longo da história, da literatura, muitos críticos colocaram-na em oposição à pornografia, desconsiderando essa e deixando-a fora de muitos estudos literários, todavia excluir os escritores pornográficos é excluir não apenas as obras – mas toda uma história – principalmente da história da arte e literatura, pois a concepção de que a literatura erótica servia/serve apenas para excitar seu leitor é equivocada e tem “caído por terra” com os estudos contemporâneos. O pesquisador e crítico literário Hermano de França (p. 14, 2015) nos esclarece que:

A pré-história legou-nos um rico acervo de pinturas rupestres, em que o coito é representado em posições diversas, o que sugere, no mínimo, uma tentativa de lidar com as forças eróticas. [...] Saltando para Antiguidade, os afrescos eróticos de Pompeia, descobertos em 1862, preservam as memórias sexuais de uma civilização [...]. Na Roma antiga, a prostituição não era proibida, e o lupanare (do latim lupa = prostituta) ergueu-se como uma das maiores atrações do império.

Ou seja, estudar pornografia e erotismo é remeter-se à memória e remontar também parte da história, e no caso da obra, *Poesia Vaginal: cem sonnetos sacanas*, é interessante nos guiarmos também pela memória uma vez que Glauco Mattoso ao ficar cego, devido ao glaucoma, na década de 90 passa a escrever com intensidade e destreza

sonetos, sendo sua grande maioria de cunho erótico e pornográfico, com grande engajamento social na escrita, sendo muitos denuncia de uma sociedade (em boa parte) machista, homofóbica, excludente e preconceituosa. Entretanto *Poesia Vaginal* é dotada de fatos, história, cujo autor realiza também uma releitura de muitos temas de Gregório de Mattos como a sátira, sujilidade, ironia, denuncia social e erotismo. Mattoso também adere aos sonetos como sua maior produção devido ao rigor da métrica, da rima e do ritmo, o que facilita sua memorização de suas próprias criações, como retrata Jorge Sallum (p.13, 2015) no prefácio da obra:

O caminho que levaria Glauco Mattoso a se tornar o grande sonetista brasileiro contemporâneo e, se esta opinião não estiver errada, um dos grandes sonetista da literatura em língua portuguesa, integra a história das formas, que é a história da arte, à sua história de vida. Mas isto só foi possível porque a limitação física se impôs a uma enorme força criativa alimentada por um vasto conhecimento do ofício – capaz, então, de escapar da limitação, do cerco, do impedimento, ao transformá-lo em mero redirecionamento.

Este redirecionamento no qual Sallum destaca comunga com a leitura feita da obra, pois ao longo da leitura *Poesia Marginal* é possível perceber que o lado visual, muito explorado pelo autor na primeira fase de sua obra na poesia concreta, não se perde juntamente com sua visão – entretanto se modifica, uma vez que, além do recurso memorialístico utilizado por Glauco Mattos para elaboração dos poemas também percebemos em toda a obra os sentidos muito aguçados: o que podem ser considerados como os “olhos” do poeta na escrita de suas poesias.

Este último fato, os sentidos, chama muita atenção uma vez que o erótico e pornográfico estão inteiramente ligados aos sentidos, sem eles é impossível o despertar do desejo, mesmo que não seja esse o intuito principal da literatura erótica na obra de Glauco Mattoso, mas é inevitável que isso possa vir ocorrer com o leitor. Em relação a Mattoso esse torna explícito não apenas temas que possam a vir despertar o desejo ou que sejam do jogo erótico ou pornográfico, mas juntamente a isso ele atrela temas cujo o engajamento social é tão forte que se faz necessário várias e várias leituras para a interpretação dos poemas. Devido ao fato de a literatura canônica ter deixado à margem a literatura erótica, como objeto de estudo, alguns podem questionar se isso ou aquilo dentro da literatura erótica e pornográfica se faz literatura. Todavia não é esse o intuito do artigo, primeiro, porque é Glauco Mattoso não está preocupado com esses questionamentos e outra, pois se torna impossível dizer se isso ou aquilo na literatura erótica e pornográfica possui valore estético para ser considerada literatura. A respeito

de a pornografia ser ou não considerada literatura Susan Sontag (p.53, 2015) nos esclarece:

Se ainda é necessário levantar a questão de saber se a pornografia e a literatura são ou não são antitéticas, se é totalmente necessário afirmar que as obras de pornografia podem pertencer à literatura, então a afirmativa deve implicar uma visão global do que é a arte. Para colocar a questão de forma mais geral: a arte (e fazer arte) é uma forma de consciência; seus materiais são a variedade de formas de consciência. Nenhum princípio estético pode fazer com que essa noção de matéria-prima da arte seja construída excluindo-se mesmo as formas mais extremas de consciência [...].

Delimitar a “visão geral do que é arte” é tarefa impossível, pois em relação à pornografia ser considerada literatura ou não, isso é incontestável, tendo como pressuposto que o erotismo e a pornografia são formas da consciência humana – o que em *Poesia Vaginal* é também uma consciência sócia, o eu poético transfere para a obra toda uma indignação com determinismos, machismos e preconceitos, além de tratar de temas como estupro, incesto, assédio etc.

Outra questão delicada sobre o erótico e o pornográfico, no campo da literatura, é a necessidade que alguns críticos possuem em delimitar cada um, pois já é sabido que a discussão entre o que é erótico e o que é pornográfico ocupa lugar acalorado na academia, pois a linha que distingue um do outro é tênue. Na obra *Poesia Vaginal* Glauco Mattoso transita entre estes dois campos com tamanha destreza que é impossível delimitar esses espaços, acerca disso, nos remetemos novamente ao pesquisador Rodrigues (p.13, 2015):

Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o erótico e o pornográfico como fenômenos que se imbricam, misturam-se e confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. [...] Situar o erótico no espaço do sublime, [...], é impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiura e da patologia [...].

Partindo dessa afirmação de Rodrigues e da leitura de *Poesia Vaginal* é possível afirmar que delimitar o erótico e o pornográfico na obra, bem como e outras esferas literárias, é tarefa difícil, e, no momento, não possui relevância.

A obra, *Poesia Vaginal: cem sonnetos sacanas*, lançada em 2015 pela editora Hedra tem papel fundamental para os estudos da literatura erótica na contemporaneidade, uma vez que escrever sobre erotismo e pornografia através de sonetos (forma clássica de poemas) e utilizar de discurso social engajado para trazer à tona um tipo de literatura considera, ainda, menor reforçam a habilidade e importância de estudos sobre a obra. Estudos que abarquem esses “tabus”: erotismo e pornografia se

fazem urgentes, desmistificar sobre esses temas é dar voz tanto à história do passado como atual, bem como faz Glauco Mattoso. Sobre a pornografia ser considerada ainda um tabu e a estreita relação entre esses dois Rodrigues (p.11, 2015) nos elucida:

O paradoxo da pornografia é sua solidariedade com o tabu, compartilhando com este do horror e da veneração que lhes são próprios. Daí as aflições que se abatem sobre todo aquele que segue seus passos e envereda por seus territórios.

Partindo desse entrelaçamento e repulsa, entre ser tabu e ser pornográfico, Glauco Mattoso lança mão do dito veladamente para expor com todas as letras e temas sobre o erótico e o pornográfico.

O ERÓTICO E O PORNOGRÁFICO: POSSÍVEIS ANÁLISES

SONNETO DA NYMPHETA

Dedico-te esta dádiva, ó Dolores,
Musa divina, divina dodivanas!
Recebe de presente estes sacanas
Bichinhos de pellucia chupadores!

Serão teus companheiros quando fores
Brincar de bestialismo. Sem as xanas
De tuas amiguinhas ou das manas,
Te sentes tão sozinha e tens tremores!

Coitada da Dolô! Quem dera fosse
Dotada duma mansa passarinha!
Mas não! É uma nymphomana precoce!

Já desde pequenina se entretinha
Em jogos. Ao invés de bala doce,
Chupava e era chupada na tetinha.

(MATTOSO, 2015, p. 31.)

Neste poema vê-se a imagem da ninfeta como alguém que desperta o desejo e sente o desejo ser despertado. O eu lírico do poema constrói toda uma ambientação que

a princípio parece ser infantilizada, mas essa serve para despertar o erotismo que gira em torno das ninfetas, como também para mostrar o desejo sexual “precoce” da ninfeta. Todavia o poema também nos faz crer que a análise vai além da questão da “nynpheta” e sim de uma “nymphomana”, sendo esta uma ninfômana (entende-se aquela que sente desejo sexual em excesso e de maneira recorrente; ninfomaníaca).

O poema vai sendo construído através de elementos que criam uma imagem infantilizada: primeira estrofe /bichinhos de pelúcia/; segunda estrofe/brincar/amiguinhas; terceira estrofe/mansa passarinha; quarta estrofe/pequenina/entretinha em jogos/bala doce. Nota-se ainda o jogo com as palavras para intensificar esse ambiente: Dolores/Dôlo; passarinha; entretinha/tetinha, ao colocar Dolores no diminutivo o eu poético nos remete duas coisas: a primeira é de um apelido carinhoso, sensível e a segunda a ligação com a palavra dor, esta dor é comprovada na segunda estrofe com “tens tremores” o também a mais de uma interpretação: dor/incomodo ou excitação que a ninfeta esta sentindo.

Em relação à passarinha o eu poético joga também com a questão do bestialismo e faz uma relação da “passarinha” sendo a vagina da ninfeta. Os diminutivos “entretinha” e “tetinha” fazem parte de um jogo também, uma vez que a palavra tetinha está contida em entretinha, e vai simbolizar também os seios das adolescentes quando começam a crescer. Despertando, assim, ainda mais o desejo da “nymphomana”.

Interessante notarmos também que o eu poético utiliza da imagem dos “bichinhos de pelúcia” que é uma coisa que simboliza a doçura e “ingenuidade”, mas na segunda estrofe o eu lírico escreve “brincar de bestialismo”, ou seja, esses bichinhos serão utilizados para práticas sexuais/Bichinhos de pelúcia chupadores/ com outras ninfetas.

Todos esses elementos são criados para chamar atenção para a ironia desta “inocência” da ninfeta e do desejo “exagerado” que as ninfomaníacas sentem. As marcas textuais: mansa passarinha/Dolores e Dolô/ Te sentes tão sozinha e tens tremores e o ápice da ironia na última estrofe/Já desde pequenina se entretinha em jogos. Ao invés da bala doce,/Chupava e era chupada na tetinha.

A princípio o leitor, despercebido, pode achar que o poema aborda a descoberta do corpo feminino, entretanto a partir das pistas no poema é possível dizer que não se trata de ninfeta, mas de uma ninfomaníaca e que se relaciona também com outras ninfomaníacas, vejamos: segunda estrofe - “manas” e na terceira estrofe

“nymphomanas”. Novamente uma palavra contida na outra, como um coito sexual, a interação entre os corpos.

Esse joguete de grafia deve ser considerado no poema e para toda a leitura dele, pois Glauco Mattoso tem extremo cuidado com a escolha das palavras. Sendo considerado por alguns críticos como hiperpornográfico, cuja intelectualidade é uma marca forte na escrita erótica e pornográfica. A respeito do hiperpornográfico Jorge Salum explica (p.25, 2015):

Se a pornografia tem uma característica fundamental, é que se trata de uma forma de fetichismo. Pode-se dizer que a pornografia é fetichização do corpo em si, ou seja, sem que ele precise ser substituído por um objeto. A fetichização do corpo pela pornografia opera, então, pela despersonalização e pela divisão funcional do corpo. Na situação habitual uma mulher deixa de sê-lo para ser um corpo desejável, corpo que é o é por seu conjunto, mas, principalmente, por suas partes: essas bundas, essas pernas, esses peitos. Daí alguns sonetos pornográficos do Glauco Mattoso poderem ser ditos hiperpornográficos, ao operarem tais mecanismos assim como o ácido de seu humor e amplitude de seus recursos métricos, metafóricos, paródicos, imagéticos, vocabulares, rítmicos, etc.

Em relação ao memorialístico tratado no início deste artigo percebe-se no poema a retomada da forma clássica de soneto dois tercetos e dois quartetos; a evocação da musa “ó Dolores”; as rimas, a retomada da forma arcaica de escrita. Vale ressaltar que essa retomada de temas e formas clássica não é somente para memorização do autor, nem apenas à alusão ao Gregório de Mattos, no entanto também para contrapor o arcaico/canônico ao erótico, literatura ainda é tida à margem.

Outro poema:

SONETTO SANDOMITA

O coito anal é o symbolo mais vivo
Do sadomasochismo, pois, enquanto
Gargalha quem penetra, resta o pranto
Àquella que assumiu papel passivo.

Na mesma proporção em que me privo
Do máximo prazer e me quebranto
Em dores, sei que um pênis eu levanto
Com meu gemido agonico e afflictivo.

O macho que cavalga-me e me enraba
Questão não faz sequer de vaselina:
Eu mesmo o pau lhe unctei com minha baba!

Colloca-me de quattro, de menina
Me chama enquanto fode e, assim que accaba
E esporra, ainda em minha bocca urina!

(MATTOSO, 2015)

Esse poema possui dois planos imagéticos, sendo o primeiro é a relação sexual entre homens homossexuais, tendo como uma das práticas a penetração anal. Todavia o autor traz à tona de maneira muito irônica e novamente brincando com as palavras um segundo plano do poema. E o segundo é a relação sexual onde o homem que é passivo, fora daquela circunstância – na sociedade, é um grande machista. E a gente vai percebendo isso ao longo da leitura muito pela “brincadeira” com as palavras.

Na primeira estrofe o eu lírico já nos diz que o “coito anal é “symbolo mais vivo do sadomasochismo”. Esse “symbolo” que está vivo (“mais vivo”) é uma crítica ao imaginário da grande maioria das pessoas no que se refere à relação entre dois homens, que julgam só haver sexo anal, o que é um grande mito. As práticas sexuais são diversas e não apenas as práticas sexuais, mas também o afeto, carinho – questões exclusas muitas vezes pelo imaginário preconceituoso.

Percebe-se em todas as leituras dos poemas uma transferência papéis, ou seja, apesar de o eu poético narrar em algumas vezes até em primeira pessoa nota-se que na verdade o eu poético é a representatividade da sociedade de modo geral: com seus julgamentos, preconceitos, determinismos. O que não condiz com o poeta Glauco Mattoso, que além de crítica social realiza também uma poesia intimista que contrapõe muitas vezes ao modo “nu e cru” de dizer sobre as coisas. Não é segredo para ninguém que o poeta foi abusado sexualmente, sofreu muito com a cegueira, é podólatra e homossexual e por mais que muitos críticos literários condenem análises que mescle eu poético com a própria autoria é muito difícil delimitar esses espaços em Poesia Vaginal, percebe-se toda uma crítica social através não apenas do eu poético, mas do próprio Mattoso, que escreve de maneira muito intimista em diversos momentos trazendo temas como estupro, homossexualismo, podolatria, cegueira etc.

Retomando a análise do poema, o neologismo criado pelo eu lírico: “somasochismo” carrega grande carga interpretativa que pode nos levar a princípio a três interpretações:

- sodomia: coito anal entre homens ou um homem e uma mulher;
- somasoquismo: prazer sexual na ou pela dor;
- machismo: aqui vemos de duas maneiras esse neologismo.

Nota-se que novamente o eu lírico utiliza o recurso de colocar uma palavra contida na outra, essa junção das palavras remete também ao entrelaçamento dos corpos, simbolizando mais de um corpo no jogo erótico ou mesmo no ato sexual.

Percebe-se também que o eu lírico ironiza da seguinte forma: nessa hora/sexo anal entre homens toda a pose de machista ela se desfaz, principalmente para quem exerce papel passivo/”coloca-me de quatro, de menina”, também percebemos isso quando quem está penetrando goza urina na boca dele: “e esporra, ainda em minha bocca urina!”. O jogo com as palavras continua e faz alusão ao sexo entre mais de uma pessoa/àquelle/affictivo/coloca-me/accaba/bocca, toda esta repetição das letras traduz os múltiplos, tanto de pessoas no ato sexual ou no jogo erótico, como também as múltiplas formas de erotismo e afetos dentro de uma relação homossexual.

Outra questão é em relação ao machismo que permeiam muitos homens, e que preservam esta postura, mas que na realidade sentem prazer e desejo é com outro(s) homem(s). Vejamos os versos:

- “Resta o pranto àquelle que assumiu papel passivo” – pranto aqui como dor e ironia, pois é um choro falso, ele sente prazer em fazer o sexo anal, que é reforçado pela segunda estrofe: “na mesma proporção em que me privo do máximo prazer e me quebranto em dores.”
- “O macho que cavalga-me e me enraba/questão não faz sequer de vaselina: /eu mesmo o pau lhe unctei com minha baba!”

Aqui é fica bem claro esse desejo, ele não precisa nem de lubrificante artificial, ele quer/gosta de sentir dor, causa prazer nele e no parceiro. O desejo pelo outro é tão latente que o eu poético não diz: unctei, mas “unctei”. Para pronunciar é necessário “juntar um pouco os lábios”, e faz lembrar a própria salivação ao desejarmos algo gostoso.

Mais um poema:

VOCALICA VOCAÇÃO

Aberta é a vogal idéa dá
Daquilo que na foda incluso está?

Curriculo da puta e do michê,
O erótico é, também, do travesti:
Cardápio de quem coma ou de quem dê.

Exerce o mesmo officio, si é pornô,
A lyra que um efebo exhibe nu,
Comendo uma boceta, enchendo um cu
De porra, ou qualquer bocca de cocô.

Chupar pau é dever de quem não vê,
Mas, antes, lambe um cego o que eu lambi:
Artelhos, si o chulé for seu buquê.

Officio do orifício, a foda irá,
Fechando e abrindo, aonde a vogal va.

(MATTOSO, 2015, p 133)

Neste poema têm-se, novamente, de maneira brilhante, o jogo erótico cuja grafia é o elemento fundamental e como são muitos elementos tratados aqui destrinchei e enumerei cada um, também por serem os que mais se sobressaem em toda *Poesia vaginal*: 1- forma clássica do poema/lira; 2 – figura da prostituta; 3 – filmes pornôs; 4 – figura do travesti; 5 – efebofilia; 6 – parafilias; 7 – cegueira; 8 – podolatria; 9 – sentidos/odores e cheiros e 10 – sexo anal.

- 1- (forma clássica/lira): em relação à forma clássica Glauco Mattoso é considerado um dos maiores sonetistas brasileiros e possui verdadeira riqueza ao elaborar cada poema, utiliza da forma clássica e transita entre o arcaico e o contemporâneo com grande destreza e primazia. Este é um poema bem musical,

como o título mesmo sugere “Vocalica vocação”, efeito causado pela escolha das palavras e pela grafia delas. Outro ponto interessante é que o eu lírico traz a lira para o poema, o instrumento utilizado nas récitas poéticas dos antigos gregos é posto como música de fundo para um tema ainda considerado tabu, nota-se a ironia e sutileza do eu poético;

- 2 e 4 – (prostitutas e travestis): Fazem parte do “cardápio” dos programas com prostituta e/ou travesti o sexo anal, é como se isto devesse está incluso já no “michê”/pagamento pelo programa, eles não possuem escolha. A falta de escolha das putas e a submissão da mulher no sexo são temas muito explorados durante toda a obra. O eu poético traz à tona pensamentos preconceituosos, machistas e agressivos de parcela da sociedade misógina;
- 3 – (filmes pornô): o pornô é também uma temática frequente na obra, que aparece muitas vezes ligada a objetivação do corpo, masculino ou feminino. Neste caso a “lira”, a música está tocando e os atores nem estão sensibilizados, pois maquinalmente estão acostumados à cena;
- 5 - (efebofilia): A palavra efebofilia “efebo” vem do grego e significa jovem, ou seja atração por jovens. Outra vertente recorrente na obra e que geralmente aparecem ligadas a outras como a figura da ninfeta, ao incesto, ao estupro e à pedofilia são também temas para quais os múltiplos eu líricos chama nossa atenção, pois temas como a pedofilia e o abuso sexual são constantes tanto no Brasil como em outras partes do mundo, fazendo da poesia de Glauco Mattos não algo que abarca preocupações sociais nacionalistas e mundiais. Apesar de o eu lírico trazer o erotismo como centro, esse erotismo e pornográfico adquire papel fundamental para denuncia social;
- 6- (parafilias): Apesar de parafilia ser considerada um termo polêmico e atualmente algumas práticas que eram consideradas parafilias (distúrbios sexuais) hoje não são, no momento, a melhor maneira, ao meu ver, de classificar os fetiches, fazer xixi e cocô na boca do parceiro ou da parceira, seja como parafilia. Em relação as necessidades fisiológicas e como cada pessoa se porta é outra vertente latente na obra, bem como a higiene pessoal, principalmente dos órgãos sexuais;
- 7, 8 e 9 (cegueira, podolatria e sentidos/odores e cheiros): A cegueira aqui está diretamente relacionada à podoladria e aos odores/Chupar pau é dever de quem

não vê/. Essa afirmação está diretamente ligada aos sentidos do cego: olfato, tato e paladar, o prazer do cego ocorre dentro desses campos, uma vez que a esse é privado da visão. Porém de acordos com eu poético o cego antes de chupar o pau deve chupar o pé/artelhos, si o chulé for seu buquê/. Ou seja, deve-se iniciar pelos dedos como uma forma de degustação, ir sentindo prazer aos poucos e só deve fazê-lo se este fetiche “for seu buquê”, porque como salienta o eu lírico caso o pé tem chulé.

Em toda leitura da obra e nas análises destes poemas é possível notar que mesmo certas práticas ou fetiches trazerem, ao leitor, certo estranhamento fazem parte do jogo erótico e nesse sentido certa diferença se faz entre erótico e pornográfico, como nos atenta Rodrigues (p. 14, 2015):

A pornografia, além de conter tudo o que o erótico, concentra algo a mais, da ordem do irrepresentável, de um gozo mortífero, sedutor e inevitável. Contra ela, o máximo que o sujeito poderá fazer é negá-la. E recorrendo a esta artimanha, estará alimentando-a mais e mais.

- 10- (sexo anal): Em relação ao sexo anal o eu lírico realiza uma elaboração fascinante o durante o poema, vejamos:

Aberta é que a vogal idéa da/daquilo que na foda incluso está?/ Nota-se aqui um trocadilho nítido entre a abertura das vogais da palavra idéa e a abertura do ânus, durante o sexo anal. Para se pronunciar a palavra “idéa” é necessário um esforço maior, uma abertura da boca mais “forçada”.

Na última estrofe o eu poético fala do abrir e fechar do ânus no sexo, e possível afirmar que se trata do coito anal, porque ele utiliza “foda” no sentido de penetração. Outro fato relevante está no próprio ritmo do poema causado pela sonoridade da palavra “idéa”– que abre no é e fecha no a, como pelo início e fim do poema com a prática do coito anal – representando ambos a abertura do ânus e a prática sexual.

Este poema é um dos mais completos da obra, pois não sobrepõe temas e sim os expõe, a escolha deste foi com o intuito de abordar estes dez temas que a obra traz, sendo esses os mais recorrentes, bem como os abordados nos demais poemas aqui analisados.

Último poema:

SONNETTO DA PHANTASIA SEXUAL

Perguntaram-me si, perto dos sessenta,

Na cama a gente já a brochar começa.

Respondo que a piroca ainda aguenta,
Mas, quando acaba, nunca recomeça...

Mais líquida a descarga se apresenta
E noto estar gozando mais depressa.
O tempo aumenta de intervalo agora aumenta.
Não há, porém, razão que o gozo impeça...

Em duas situações, a picca dura
Me fica num instante, e assim perdura:
Si sonho ou si um político se fode.

No sonho, lambo pés e chupo picca,
E, quando a vida deles se complica,
Na bronha eles são cabras e são bode...

(MATTOSO, 2015, p. 51)

Esse poema possui uma vertente mais intimista do poeta em relação ao erotismo do, ele tangencia a questão política e demonstra uma sensibilidade latente para aquilo que é corriqueiro.

O poema está em primeira pessoa, criando ainda mais este intimismo, quase como um “desabafo” do eu lírico. Na velhice a vida sexual continua, claro, em alguns casos muito ativa por sinal como é possível notar em outros poemas da obra. No caso deste poema específico o eu poético descreve que a diferença está no esperma e na velocidade /Mais líquida a descarga se apresenta/ Noto estar gozando mais depressa/quando acaba nunca recomeça/ mas ressalta não há, porém, razão que o gozo impeça...”

Ainda aborda três situações que seu pênis (do eu lírico) fica ereto: “Se sonha com pés ou chupa pés e pênis, ou também se um político “se fode/ a vida deles se complica”. Tem-se aqui outra vertente muito forte e recorrente na obra do Glauco Mattoso e que se confunde um pouco com a vida do autor, pois Mattoso afirma em

entrevistas que é podólotra, ele tem um grande fetiche por pés. Não só esta vertente, mas também outras abordadas aqui. Acerca disso Rodrigues (p.11, 2015) nos esclarece:

É na intersecção entre o perigo e a recompensa que residem os encantos e os sortilégios da pornografia. Ela nos afeta, devasta-nos e, ao mesmo tempo, torna-nos demasiadamente humanos, aos desnudar nossas fragilidades, ao escancarar as fantasias operantes em nossa sexualidade, [...], ao delatar a parte obscura de nós mesmos. Dimensão obscurecida pela moralidade em favor de um ideal de conduta, sempre inacessível e fugaz.

O distanciamento entre eu lírico e autor em *Poesia Vaginal* é algo difícil de resolver, devido ao fato de o Glauco Mattoso ser uma figura muito pública e fala de constantemente que escreve sobre o que pensa e mesmo sobre sua vida, como o caso de temas de estupro, injustiça, podolatria e cegueira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que o erótico e o pornográfico percorrem nos cem sonetos, escolhidos por Glauco Mattoso para compor a obra, são caminhos de muita denuncia social e ironia. O poeta elabora os poemas a partir de vozes que não são propriamente as do autor, mesmo muitos contendo suas memórias e suas histórias, e sim vozes silenciadas, abafadas, com desejos de grito, gozo e prazer.

Por que não falar do que é erótico e pornográfico? Glauco Mattoso em *Poesia Vaginal* nos orienta para veredas de múltiplas possibilidades e com vozes bem altas nos afirma que é necessário se falar do erótico e do pornográfico e que a partir dessas temáticas é possível ter prazer, desejo e o mais latente em Glauco e na obra: denuncia acerca daquilo que a sociedade tentar varrer para debaixo do tapete.

Brilhantemente Mattoso transita entre erótico e pornográfico e traz à tona vozes que estavam à margem e precisam (e precisam) ser ouvidas: vozes de travestis, gays, prostitutas, velhos, cegos, pessoas abusadas, mulheres e homens presos às amarras de uma parcela da sociedade excludente e cruel.

REFERÊNCIAS

MATOSO, Glauco. *Poesia Vaginal: cem sonettos sacanas*. Hedra, 2015.

RODRIGUES, Hermano de França Rodrigues. Com tabu é mais gostoso. *Revista Psicoterapia*, vol. 06, 2015.

SALLUM, Jorge. A grande sacanagem histórica de ainda escrever sonetos. In. *Poesia Vaginal: cem sonettos sacanas*. Hedra, 2015.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: A vontade radical – estilos. São Paulo: Cia das Letras, 1987.